

# ROTEIRO E CONTOS

DE

BERNARDO FROENER CASTELLO

“Os melhores contos do ano de 2015” – Obama

“Lindo que nem o autor” – Anna Bianchi

“Ehh... Tá bom” – Márcio Markendorf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

# Sumário

Roteiro:

Sucessão do Mais Forte.....Página 4

Contos:

Sexto sentido.....Página 9

A visão do passado feliz.....Página 11

Tristeza não se compra.....Página 12

Inferno no Bordel.....Página 15

Mamãe Mammon.....Página 17

Algo aconteceu e eu estou apaixonado.....Página 19

O medo de um é o tesouro de outro.....Página 22

Lenda urbana de como baixar a febre.....Página 26

As lontras marinhas estão entre as maiores psicopatas do  
reino animal.....Página 27

## Introdução

Este portfólio reúne obras que foram feitas ao longo do ano de 2015 por Bernardo Froener Castello. Os textos estão organizados de forma em que há primeiramente um roteiro e, então, os contos. Cada conto têm uma temática distinta e uma proposta diferente. Nos primeiros o clima será mais sério, combinando com o roteiro. Entretanto eles vão gradativamente ficando cômicos e/ou absurdos. Espero que todos apreciem a leitura.

## Sucessão do mais forte

### CENA 1. INT. NOITE. QUARTO

BRUNO (20) está estudando para uma prova de Macro Economia em seu quarto, cheio de livros sobre geografia mundial e teorias matemáticas, no game atrás dele o jogo "Alien: Isolation" pausado. Bruno se irrita com o computador que está sem internet.

Ele olha para cima e suspira. Ouve um barulho muito estranho vindo do andar de baixo, seguido de latidas do seu cachorro. Bruno levanta e olha pela janela, não vê nada de estranho. Ele desce as escadas devagar, tentando fazer menos barulho possível.

### CENA 2. INT. NOITE. ANDAR DE BAIXO

Bruno segue as latidas de ADAMASTOR (Buldogue), mas de repente elas param. Um barulho muito estranho marca o ambiente. Um vulto grande passa da cozinha para a sala. Bruno rapidamente volta para seu quarto, sendo o mais discreto possível.

### CENA 3. INT. NOITE. QUARTO

Tenta chamar a polícia com o celular, sem sinal. Olha para a janela, pensa em pular. É muito alta. Bruno entra em desespero, senta na cama para tentar pensar racionalmente. Ele treme muito. Olha para o computador, ainda sem internet. Tenta novamente o celular, em vão. Olha para uma foto de

Adamastor em cima de sua escrivaninha. Pega sua guitarra e se prepara para confrontar o invasor.

CENA 4. INT. NOITE. ANDAR DE BAIXO

Bruno abre a porta muito devagar segurando sua guitarra como se fosse uma espada. Está vestindo também um capacete de ciclista. Coloca a cabeça para baixo se apoiando no corrimão das escadas e grita:

BRUNO

Quem está aí? Eu sei que tem alguém aí em baixo! Vai embora agora, eu chamei a polícia a um tempo atrás e ela já deve estar chegando. Além do mais, meu pai é juiz. E se você machucou o Adamastor pode crer que eu vou atrás de você eu mesmo!

CENA 5 INT. NOITE. ESCADAS.

Uma mão monstruosa aparece no corrimão do andar de baixo, deixando Bruno aterrorizado. A criatura começa a subir as escadas, mas Bruno não espera para ver o resto do seu corpo, corre imediatamente para seu quarto e tranca a porta assim que entra.

CENA 6 INT. NOITE. QUARTO

Bruno para por alguns segundos tentando não chorar de desespero enquanto ouve os passos da criatura se aproximando. Bruno segura a guitarra com tanta força que seus dedos ficam marcados pelas cordas. Ele começa a gritar:

BRUNO

Sai da minha casa seu psicopata loco!

Ele vai até a janela:

BRUNO

Socorro! Socorro! Soco...

Quando olha para trás, fica evidente que O que estava na sua frente não era desse mundo.

O Alien era forte, media uns 2 metros, tinha uma cor verde escura, usava um respirador com um cilindro de gás nas costas. Ao longo de todo seus braços uma pele cheia de sulcos que parecem ser muito ásperas e afiadas. Não é possível ver seus olhos.

Fred não resiste e desmaia.

FADE OUT

CENA 7. INT. NOITE. NAVE

FADE IN

Fred acorda sem conseguir se mexer em uma cadeira totalmente preta em uma sala igualmente escura. Seus pulsos estão muito machucados, em carne viva. A criatura empurra uma estrutura parecida com uma maca, onde se encontra um cão deitado. O Alien então começa a fazer incisões no cão enquanto Fred grita chorando:

BRUNO

Adamastor!! O que você está fazendo com ele? Aonde eu estou? Por favor me tira daqui!

O invasor, depois de terminar com o cachorro, se direciona para Fred e vagarosamente vai chegando cada vez mais perto, fazendo com que Fred fique a cada segundo mais nervoso. Quando a criatura chega perto o suficiente ele injeta um

liquido na coxa de Fred com uma seringa. Que faz com que Fred perca a consciência.

CENA 8. INT. DIA. QUARTO

Fred acorda assustado e confuso, olha para seus pulsos ilesos, chama por Adamastor que vem correndo e pula em cima da cama. Vê a hora 9h da manhã, checa a porta do seu quarto nenhum sinal de arrombamento, desce as escadas e vai até a cozinha, sua mãe e seu pai estão comendo torradas.

PAI (40)

O que foi filho? Você tá com uma cara péssima.

BRUNO

Vocês não notaram nada de estranho ontem?

MÃE (40)

Sim, acabei de ver

BRUNO

O que? O que vocês viram? Vocês também viram ele?

MÃE

Do que você está falando filho? O estranho é você aqui.  
Você não tinha uma prova hoje de manhã?

BRUNO

Ah, isso. É sim, tinha. Nossa, eu tive o sonho mais louco da minha vida e ele foi muito bad.

CENA 9. INT. DIA. QUARTO

Fred faz carinho em Adamastor enquanto tenta mandar um e-mail para seu professor, olha para a guitarra no chão, ele

pega no braço dela e percebe que foi arranhada por algo áspero. Volta a olhar para a tela do computador e percebe que a internet caiu de novo. Adamastor começa a latir para Bruno.

FIM

## Sexto sentido

Régis acorda as 6:30 da manhã, ele dorme mal já faz muito tempo. Olha pela janela do quarto, o dia está cinzento como sempre. Esse tempo nunca ajuda. Se senta na lateral da cama, se sentindo acorrentado a ela. Toma os seus remédios matinais. "Não fazem mais efeito", ele pensa. Se levanta vagarosamente enquanto passa a mão na cara, barba comprida já faz dias. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha ficado verdadeiramente feliz, o máximo que chegava era uma puxada de bochecha aqui ou ali, que não chegava a ser um sorriso.

Olha para seu lado, sua esposa está no outro lado da cama, de costas para ele, abraçada no travesseiro. "Deixe-a dormir, hoje deve ser seu dia de folga" ele reflete. Se veste e então se dirige para a cozinha, também sem pressa. Então consegue escutar passos na escada, olha para trás e reconhece seu filho. Arthur, 6 anos, tinha olhos claros, como a mãe, os cabelos castanhos, uma cara redonda, apesar de ser muito magro.

O menino fala, ainda sonolento:

- Papai, você já vai sair de novo? Eu estou com saudade
- O papai precisa ir filho, você ficará bem com a sua mãe
- Ela também sente saudade. Ela me diz sempre

Régis então dá um beijo na cabeça do seu pequeno filho e diz após um



longo suspiro:

- O papai tem que voar filho
- Como é papai? Voar?
- Um dia você saberá filho

Então eles se abraçam, o pequeno Arthur se dirige de volta para a cama. Régis fita seu filho subindo as escadas - Como estava crescendo, quando foi que ele ficou parecendo um homenzinho?

Olhando para a cozinha, tão limpa, arrumada. A pia era de granito negro, ele se lembra quando escolheu-a para a cozinha. A pia contrastava com sua pele, excessivamente branca. Ele então percebe que não está com fome, nem sede. Olha para o relógio da cozinha, 7:00 horas. É hora de sair.

Mesmo assim, ele passa no quarto de Vânia, sua esposa, lhe dá um beijo na bochecha que é retribuído com um gemido grave e sonolento. Logo depois passa no quarto de Arthur e dá o mesmo beijo que dera em Vânia. O garoto abre os olhos devagar e diz baixinho:

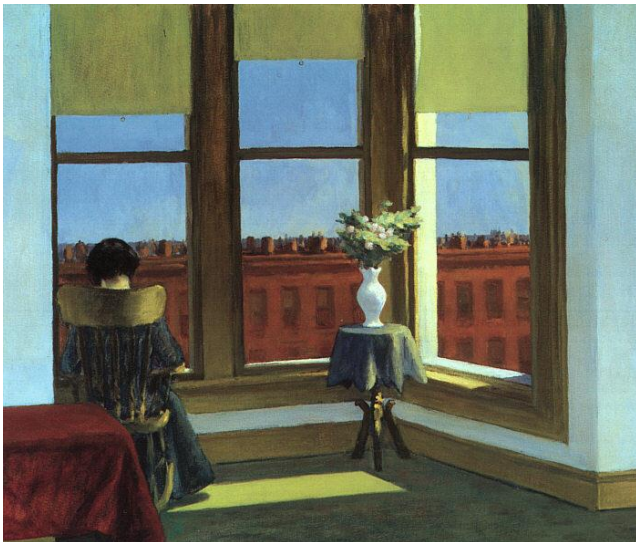
- Eu te amo pai
- Eu também te amo filho, cuide bem da sua mãe

O menino fecha os olhos, quando os abre, alguns segundos, depois seu pai não estava mais no quarto. Uma lágrima solitária sai do canto do olho do menino, após poucos minutos de reflexão, ele corre escadas a baixo, torcendo para ver seu pai sentado na poltrona como antigamente. Tarde demais, seu pai já tinha partido.

Alguns poucos minutos depois Régis chegava ao aeroporto para mais uma viagem, sua escala mostrava: Brasil-Portugal, Portugal-Alemanha, Alemanha-China, China-EUA, EUA-Brasil. Só veria sua família depois de duas semanas no mínimo. Depois que começou a trabalhar nas linhas internacionais da empresa aérea - por mais que ele ganhasse mais do que nas linhas nacionais -, Régis se sentia mal, se sentia preso, se sentia morto.

## A visão do passado feliz

Eu não consigo me acostumar com a morte. Na verdade não é exatamente com a morte e sim com o tempo que eu não me acostumo. Eu sinto tanta saudade deles. Era tão bom ficar com a casa cheia, com um sorriso no rosto. Eu sinto falta até das brigas. Nada disso existe mais, apenas as minhas lembranças que nunca vão me deixar esquecer dos seus jeitos, suas vozes, seus cheiros, seus rostos. O tempo pode transformar qualquer coisa em tortura, qualquer lembrança que seja. Daqui consigo ver o cemitério que estão enterrados meu marido e meu filho. Eles ainda estão comigo e eu não vou deixar vocês irem de novo.



Edward Hopper, Room in Brooklyn

## Tristeza não se compra

Estava voltando do trabalho em um dia ensolarado. Me sentia ótimo. Queria: Correr, pular, gritar, dançar. Já fazia algum tempo que me sentia assim e Dani - meu melhor amigo desde o maternal - sabia disso. Então ele me convidou para ir à casa dele depois do trabalho.

- Está tudo ruim, Lorenzo? Você parece muito feliz - ele pergunta com sua voz baixa e rouca que combina com seu olhar.

- Não. Cada dia que passa eu fico mais feliz, não consigo evitar - falo alto e com convicção enquanto me abro e sento em uma das três cadeiras de praia dobráveis que ficam encostadas na parede da sala.

- Poxa vida cara, mas por que se sente assim? O mundo é tão horrível.

- Eu sei Dani, mas não consigo ficar triste. Coisas boas têm acontecido comigo ultimamente, eu não sei mais o que fazer - digo conformado e com um sorriso no rosto.

Daniel assente, abre outra cadeira de praia e se senta ao meu lado. Ele diz que quer saber o que anda me deixando daquele jeito. Então começo a falar empolgado.

- Meu chefe me deu uma promoção que fez meu salário dobrar, ganhei um carro na loteria, minha operadora me deu um celular top de linha por causa do meu plano, minha mãe saiu do hospital e o médico disse que ela, provavelmente, ainda viverá muitos anos e o que mais me deixa feliz:

a Vanessa Gibrieli. Ela sempre me deixa feliz. As vezes eu estou quase conseguindo ficar triste até que nos encontramos. Ela puxa meu astral para as nuvens, então rimos, nos abraçamos e nos beijamos. E eu acabo ficando feliz e mais feliz a ponto de andar na rua cantarolando musiquinhas. Não sei o que fazer...

Ele solta um grande suspiro - Eu não sei nem o que dizer Lorenzo, eu também estaria assim se estivesse no seu lugar, inclusive agora eu fiquei até feliz por você cara - toca meu ombro - mas os amigos são para isso, não é mesmo?

- Valeu Dani, mas não quero que fique feliz por minha causa - levanto da cadeira.

- É claro que vou, sou seu melhor amigo - Ele se levanta também e diz - vou te trazer uma reflexão Lorenzo. Vale a pena ficar feliz por essa garota? Quero dizer, claro você está em uma maré de felicidade, o carro, sua mãe, o emprego, mas você acredita que essa menina realmente pode te deixar triste algum dia? Por que você mesmo disse que ela te deixa feliz. Eu percebi isso quando eu e Carlóta fomos jantar com vocês - ele empurra meu ombro para baixo, me fazendo sentar na cadeira.

- Eu realmente não sei Dani, queria poder dizer - olho para seu braço e percebo que está totalmente mutilado, com cortes antigos, novos e muitas cicatrizes. Aponto para seu braço como que fazendo uma pergunta.

Ele percebe minha intenção - Ah, eu estou me cortando bastante, não é mesmo? Penso em suicídio constantemente - ele termina a fala com cotovelos apoiados em suas coxas e suas mãos em forma de concha, com seus olhos cheios de lágrimas - acho que não passo desse mês.

- Obrigado Dani, isso fez eu me sentir muito mal. Mas eu acredito que quando eu vir Aline ela me reconfortará e isso me deixará esperançoso - uma lágrima escorre do meu olho esquerdo e logo para. Eu me levanto mais uma vez e digo que tenho que ir.

Daniel se levanta comigo e me leva até a porta - Eu te conheço a muito tempo Lorenzo, eu sei que você nasceu para ser triste, mas acredito que a vida é mesmo assim: Não existe tristeza se não houver felicidade. A felicidade está encalacrada em todas as pessoas, ninguém consegue ser totalmente triste, mas não deixe essa menina estragar a sua vida. Se ela te deixa feliz o tempo todo, largue-a.

Eu agradeço-o e me despeço dizendo que ele é a pessoa mais infeliz e miserável que eu já tinha visto.

...

Daniel se suicidou três dias após a nossa conversa. Fiquei triste, mas depois de vários meses Daniel era apenas uma memória que me ajudava de vez em quando. Eu, felizmente, estou cada dia mais empolgado com a chegada do meu segundo filho. Um castigo, por não ter seguido o conselho de Dani.

## O inferno no Bordel

Prefiro o inferno.

Sob as luzes vermelhas,  
Êxtase,  
Calor.

Vai e volta  
Volta, vai

Aqui, no oitavo círculo,  
Soberanas,  
Sobem as labaredas de neve.

Se as paredes falassem,  
Não se calariam nunca.

Abre, fecha  
Arco e flecha

Os tentáculos continuam subindo,  
Subindo,  
Sem fim.

Em um copo,  
Marcas de batom vermelho,  
Gelo, *whisky*.

Minha paixão mora  
Na casa dos prazeres.

Entre chamas escaldantes,  
Sentado no trono,  
O diabo

O cheiro de suor de uma prostituta depois de um dia de trabalho.

De tutu cor-de-rosa,  
Mãos de caranguejo,

Desejo  
O tridente grande,  
Grosso.

Sou o único durante 60 minutos.

O não lugar atrás dos portões:  
Labaredas brilhando feito deusas

O perfume que escalava, não mais,  
Não teve escolha

Lá,  
Onde se escondem as chamas de gelo

Gozo quente escorrendo no chão.

Texto coletivo: Priscila Oliveira dos Anjos, Patrícia Espindola Paredes,  
Gaetan José Santos Daussy, Natan Lucas Tomaz, Thiago Rodrigues dos  
Passos, Luiza Possamai Kons, Bernardo Froener Castello, Marina de  
Oliveira Duarte, Fabio Montegutti e Anna Giulia Bianchi Marques

## Mamãe Mammon

Diana está com frio e dorme muito mal já fazem algumas semanas. Ela deita na cama enquanto sua mãe a cobre com cobertores que não alteram seu frio. Vai fazer uma semana que Di está doente, uma semana sem trazer dinheiro para casa. Isso significa que logo não terão mais o que comer. Lú e Lê brincam timidamente na cama ao lado, suas irmãs gêmeas têm oito anos e ainda não recebem clientes no quarto. Bem que poderiam ter uns três anos a mais. Quando começou a receber clientes da mãe, Di tinha apenas onze anos - nem parece que já se passaram dez.

Bernardo é o caçula da família com sete anos recém feitos. Bê só pensa em comida, come de tudo o máximo que consegue - o que não era muito, ultimamente. Quando percebe que sua irmã está tremendo de frio na cama ao lado, ele propõe uma troca: um de seus cobertores pelo resto do jantar da irmã - que estava sendo servido na cama havia algum tempo. Di aceita. Ele, então, larga o prato e seus talheres no criado-mudo entre as duas camas e lhe passa um de seus cobertores. Porém, o cobertor ainda não é o suficiente para ela. Letícia protesta e pede um cobertor a Bê, ele nega. A inveja a consome como de costume. Ela sempre quis ter o que os irmãos tinham.

Faz alguns dias que os pesadelos começaram e na noite passada Di acordou seus irmãos com gritos de terror. Está sofrendo com paralisia do sono quase todas as noites desde que adoeceu. Ela fecha os olhos e lembra como foi o dia. Lembra como todos levantaram cedo para ir a igreja, o crucifixo de ferro que ganhou do padre, o medo que sentiu na última noite, os demônios.



Luciana, sempre com ar de superioridade, brinca com a irmã doente:

- Se eles voltarem, hoje você acaba com eles. Eu acabaria.

A noite é silenciosa até começar a chuva. Di acorda rodeada por eles, não sabe quantos são exatamente, mas o horror toma conta do seu corpo. Ela fica estática. É impossível respirar. Eles se aproximam cada vez mais. Sua respiração volta, muito rápida. Seu corpo começa a responder aos impulsos do cérebro, mas os vultos agora tomam forma, são dêmonios novamente, e continuam a se aproximar tocando-a.

Ela grita, mas seus irmãos nem se movem. Di segura o crucifixo com força enquanto estica o braço para pegar os talheres do prato do Bê. Ela, então, crava o garfo na face de uma das criaturas que surpreendentemente cai no chão. Cria coragem e ataca, com o crucifixo e a faca, golpes rápidos, mas recheados com toda a pouca força que restava no corpo de Di. Sai vitoriosa e como prêmio pisa com toda a força no garfo que pendia no globo ocular do primeiro a cair.

No mesmo momento em que ela pisa no garfo a porta se abre. Sua mãe carrega um lampião que ilumina a cena. Horrorizada com a chacina, grita em prantos: - Bê, Lú, Lê! O que você fez com eles Diana?

Di se volta para ela empunhando a cruz de ferro que havia ganhado de manhã.

- Eu os protegi de Belzebu, Lucifer e Leviatã!

A mãe chorando por ter perdido seu investimento de tantos anos diz:

- Eu que não pude protege-los do Diabo.

## Algo aconteceu e eu estou apaixonado

1985, sexta-feira a tarde, Vinicius toma banho. Se perfuma ainda de toalha na cintura. Penteia seus cabelos. Vai para o quarto, joga a toalha em cima da cama. Liga o toca-discos com o vinil "Songs of the Big Chair", está bem no começo da faixa B3. "Head Over Hills" começa a tomar conta do quarto, o volume é máximo. Põe uma camiseta estampada com a bandeira dos Estados Unidos. Veste a cueca rapidamente. O tecido é muito fino e rasga. Ele troca de cueca, dessa vez cuidadosamente por uma nova de cor de laranja. Veste, então, uma calça social, camisa-xadres, sapatos pretos de couro e um casaco grosso. Faz frio em Porto Alegre. Se olha no espelho. Ele está pronto.

Sai do quarto, agora ao som de "Listen". Seus pais estão sentados na sala, ao lado da lareira, assistindo à televisão. Vinicius pergunta:

- Ainda tem grapa aí pai ?
- Tu vai beber aqui em casa ou vai pro bolicho?
- Só vou dar uma molhada no bico e vou passar na casa da Mariana.

A mãe se intromete na conversa:

- Não acredito que tu vai atrás daquela guria. Eu sei que vocês são amigos a muito tempo, mas aquela japiraca é pior que a moça da novela.

- Que novela ?

- Ti ti ti.

- Sei, é a nova novela né? Não sabia que vocês olhavam, eu acho essa novela uma bosta.

O pai então responde:

- Eu não olho nada disso guri, é tua mãe que olha. Faz dois favores pro teu véio e vai lá na cozinha pegar lenha pro fogo e um copo de Jurupinga que eu troxe de Rio Grande.

Depois de beber um copo de grapa e fazer os favores para seu pai, ele se despede e volta para o quarto, desliga o toca-discos - que a tempo não estava tocando nenhuma música - e sai de casa. Agradece aos céus por morar perto da Avenida Protásio Alves, pois já estava atrasado e aborda um taxi que está passando.

- Ali pra praça Menino Deus sabe?

O taxista só mexe com a cabeça para frente e para trás. Aumenta o volume do rádio, Paralamas do Sucesso. E quando Vini sai do taxi faz questão de ver o paralama do fusca que o trouxe até ali.

Enquanto atravessa a praça tenta formular um plano para não estragar a noite com Mariana, mas só consegue pensar no refrão de "Head Over Hills". Ele toca a campainha e sente como se o mundo estivesse em câmera lenta quando Mariana abre a porta. Vestido branco e longo repleto de bolinhas azuis que combinavam com os seus olhos, usava uma meia-calça escura, um casaco de pele de coelho que ia até seus joelhos, os cabelos arrumados, as unhas pintadas de um branco quase transparente e sapatinhos azuis de salto baixo.

Ele ficou paralisado e Mariana perguntou:

- Eu estou bonita?

Vinicius ainda estonteado pela perfeição de Maria, para e presta atenção em um som que vem de dentro da casa. E então ela pergunta se ele conhecia "Tears for Fears". Vinicius sorri e entra na casa onde surpreendentemente encontra um amigo seu. Pedro Isro.

- O que tu ta fazendo aqui a essa hora da noite?

- Eu tenho um encontro com a Mariana e e tu? – responde Pedro.

- Eu também.

Mariana então explica que não conseguiu negar o pedido de nenhum dos dois:

- Vocês se importariam se os dois ficarem aqui em casa hoje? Meus pais foram viajar e eu estou sozinha em casa.

Vinicius e Pedro se olharam entendendo a intenção de Mariana. Vinicius se lembra das palavras da mãe e então diz:

- Por mim tudo bem, acredito que vai ser até mais divertido.

Pedro se assusta, mas aceita o convite dos dois.

...

No dia seguinte Vinicius chega em casa na hora do almoço e sua mãe pergunta de imediato:

- Como foi o seu encontro?

Vini, com um meio sorriso, responde indo para seu quarto:

- Você tinha razão, sobre a Mariana mãe - Quando chega na porta do seu quarto ele fala em um volume inaudível – ela foi a pior de ontem a noite.

## O Medo de um é o tesouro do outro

- Ei vovô! Você pode me contar como perdeu a sua virgindade? É para um filme documentário que estou fazendo.

- Que isso moleque! Eu não sou nenhum doente pra falar sobre esse tipo de coisa com criança!

- Criança?! Eu tenho vinte anos. Você estava na minha festa de aniversário três meses atrás!

- Eu estava? Meu Deus, como a vida passa rápido. Eu ainda te vejo como aquele garotinho que trazia meus cigarros e uma cerveja bem gelada todos os dias.

- Eu nunca fiz isso vovô.

-Não? Que estranho, não sei quem era então.

- Você pode por favor me contar a história?

- É claro, é claro. Mas já vou avisando, é uma história pesada de que não me orgulho...

. . .

Me lembro perfeitamente daquele dia. Que achei que meu pulmão iria sair do meu peito e que meus olhos nunca mais se abririam de tão fortemente fechados para não ver, mas eu via como se não os tivesse fechado nem por um segundo. Os olhos não veem nada, é o cérebro que enxerga. E o meu estava programado para ver e sentir tudo aquilo. Sentir medo.

Era o meu 18º aniversário, meus amigos haviam feito uma festa surpresa para comemorá-lo na casa de um outro amigo meu, Juliano (seus pais estavam viajando e a casa era grande, com pátio e piscina). Eles se encarregaram de tudo: Bebidas, decoração, música. Estava sendo uma das melhores festas que eu já estivera. Eles provavelmente tinham planejado tudo meticulosamente e por muito tempo. José Leal - um dos meus melhores amigos, que chamávamos de Joel - sempre dizia que eu teria a melhor festa de 18 anos que um homem pode querer.

Eu era o mais novo de todos os meus amigos, na verdade eu era o caçula de toda a minha turma. Entrei adiantado no colégio, faço aniversário em dezembro e ingressei de primeira na faculdade. Bebi como nunca. Misturei todos os tipos de bebidas que tinha na festa: vodka, whisky, cerveja, tequila, sake, leite achocolatado, água, refrigerante, listerine. Na metade da festa percebi que misturar achocolatado com refrigerante foi uma ideia ruim que me levou a passar mal. Eu me lembro de vomitar muito por todo o quarto dos pais de Juliano - um vômito azedo que às vezes tinha que ser limpado dos meus lábios, pois ficava pendurado como se fosse um chiclete puxado.

Quando terminei de pintar as paredes de tons amarelos esbranquiçados e vomitar o resto de bile que me sobrara, meus amigos bateram na porta do quarto procurando por mim. Eu esperei até eles saírem de perto do quarto, então destranquei a porta e saí rapidamente de lá. Os pais de Juliano nunca me perdoaram por ter estragado suas fotos de casamento e o vinil que tinham no quarto (que tipo de pessoas usa um vinil no quarto?). Quando encontrei Joel no pátio, ele me abraçou - completamente bêbado - e disse que ele tinham um presente especial para mim. Abri um sorriso e já desconfiava o que era.

Entre no Impala SS 65 - era um lindo carro zero quilômetro e havia sido comprado a poucas semanas dos pais de Juliano enquanto Joel dirigia. Não sei como não morremos naquela noite, parecia Corrida Contra o Destino, aquele filme de 1971 você deve saber. Finalmente chegamos ao que ele dizia ser o "Lugar da Felicidade". Vomitei mais uma

vez quando vi que um cachorro dilacerado estava preso no para-choques do Chevrolet. Tivemos que usar um pequeno machado - que tinha no porta malas do carro - e cortar pedaço por pedaço para tirá-lo. Eu acabei dando uma machadada no carro que me custou 3 semanas de trabalho duro na empresa dos pais do Juliano...

O "Lugar da Felicidade" era um muquifo que tinha fedor de sebo e tinha quartos com prostitutas de todos os tipos: Magras, gordas, altas, baixas, bonitas, feias. Eu sabia o que iria acontecer naquela noite. Entramos no prostíbulo e então Joel olhou para mim e disse: "Entre naquele quarto Luís, tem uma mulher esperando por você. Feliz aniversário". Me lembro de agradece-lo, lhe dar um grande abraço e de suar de ansiedade enquanto caminhava em direção a porta 21.

Ao entrar no quarto senti meu coração parando e um arrepio na espinha vindo de baixo até a minha nuca. Eu não conseguia me mover, estava paralisado. Só conseguia sentir medo do que via. Era uma velha de cabelos brancos, usava um vestido negro esfarrapado, só tinha um ou dois dentes na sua boca e eu sabia quem ela era. Um dia ela havia sido a mulher mais bonita, mas atualmente era horrorosa, fedia, suja, velha e tinha uma voz que me fazia arrepiar os cabelinhos lá de trás. Ela tirou seu vestido preto e rasgado e começou a me beijar. Eu senti uma mistura de medo e nojo enquanto ela fazia isso, mas então ela tirou as minhas calças e começou a fazer, bem...você deve saber o que é...de um jeito muito bom - ela era praticamente banguela. Depois aconteceu. Fizemos de tudo e para a minha surpresa foi bom.

Porém, nove meses depois daquele meu aniversário, ela bateu na minha porta com o seu pai nas mãos dizendo que era o meu filho. Eu fiquei espantado com a notícia até porque eu achava que ela era velha demais para ficar grávida, mas não me importei muito com isso. Criei seu pai com o possível (mesmo não sendo a minha obrigação) e ele hoje é um bom menino.

- Meu pai está preso a algum tempo vovô.

- Preso? Por que?
- Ele esfaqueou um cara e colocou uma maçã na boca dele.
- Bem como eu ia dizendo...Não me arrependo por ter engravidado ela, até porque o seu pai foi um bom filho. Me arrependo de ter pego gonorréia dela. E assim foi a minha primeira vez meu jovem.
- Então minha avó é uma puta?
- Claro que não. Mãe é quem cria e quem criou o seu pai foi sua falecida avó Doselina, que Deus a tenha.
- Como eu só fiquei sabendo disso agora? Meu pai nunca disse nada sobre isso.
- Ele não sabe. Você quer que seu pai fique triste? Quer que ele saiba que ele é fruto de uma transa pegajosa de um menino de dezoito anos com uma velha com doenças venéreas?
- Não, mas ele tem o direito de saber.
- Então conte a ele meu neto. Se é isso que você pensa que deve ser feito. Eu não tenho mais o que fazer, mas eu e sua avó guardamos esse segredo por todo esse tempo por um motivo. Pense nisso enquanto me traz cigarros.
- Eu vou pensar, mas não vou te trazer cigarros vô. Obrigado pela história.
- De nada meu neto, vá com Deus. Dá próxima vez que vier eu posso lhe contar mais histórias como essa. E não se esqueça dos cigarros!



## Lenda urbana de como baixar a febre

Tudo começou quando eu disse para a Carina que eu estava com algum tipo de virose. Vomitava e cagava mole o tempo todo. Ela, que sempre quis ser médica, correu para passar a semana comigo. Eu estava realmente mal e indisposto, mas ela achava tudo aquilo excitante. Não demorou muito até eu começar a cagar sangue junto com aquela água podre que saía pelo meu orifício anal. Fiquei preocupado, mas falei com a Carina e ela disse “que se estava sangrando é porque estava curando”.

Acreditei e fui deitar com ela.

Dormi um pouco, mas ela me acordou no meio da noite pegando no meu pau e falando na minha orelha

- Sabia que transar Alivia a febre?

Aquilo, apesar de repentino, me excitou muito. Ela começou a me chupar. Mas, de vez em quando, ela diminuía o ritmo das chupadas por conta de algum peido que saía sem querer do meu ânus. Quando eu já estava bem encaminhado (muito duro e grande), virei-a e comecei a comer aquela xoxotinha apertadinha. Porém, deveria ir com calma, pois ainda estava meio enjoado e com o cu bobo. Lá pelas tantas, ela pediu que fizéssemos anal. Então, já cusbindo no seu buraco negro, eu disse:

- Gostosa, põe o dedo no meu também!

Comecei a meter rápido lá. Ela grunhia e gritava de prazer, eu também. Ela começou a gozar, falando: “agora não é só do seu cu que sai sangue”. Eu gostei daquele comentário. Eu até conseguia ver as fezes do

cu da Carininha em volta da cabeça do meu pau. E por alguma razão aquilo me deixou em estado de nirvana.

Logo depois, já que estava muito excitado, não aguentei e Gozei, meu leitinho se espalhou por toda a parte. Porém, ao fazer isso, relaxei o minha barriga e ânus, fazendo com que uma caganeira com cheiro forte e característico de doente inundasse a cama e os nossos corpos. Em uma fração de segundos começamos a vomitar também (mas não por nojo – até porque estávamos fazendo amor — e sim pelo cheiro intrigante). Depois que terminamos, ela disse:

- Nossa! Hoje você soltou fluidos pelos três buracos ao mesmo tempo!

Nós rimos muito de tudo que havia acontecido e dormimos aninhados ali mesmo. Ao amanhecer, chamamos uma empregada doméstica para limpar tudo.

E posso garantir que depois daquela noite eu já estava me sentindo bem melhor. E não é que transar doente realmente diminui a febre! Mal posso esperar para ficar doente de novo e repetir a dose.



Depois de um dia muito puxado na firma a Sra. Lontrosa chegou em sua casa e viu que seu lixo não havia sido recolhido naquele dia. Ela primeiramente ficou irritada mais buscou energias para se acalmar e pensou com sigo mesma:

- Esse zelador é um incompetente.

Ainda com um fio de raiva ardente por ter que ficar com chorume na sua área de convivência, a Sra.Lontrosa caminha até a frente de sua porta, e à encontra totalmente empoeirada e suja com cocô e mijo de cachorro. Vendo a situação ela logo pensa:

- Que porra é essa? Quem é que cagou na frente da minha porta? Bosta de cachorro!!! A única pessoa que tem cachorro aqui no prédio é Zelalontro. Aquele desgraçado...

Então com sangue nos olhos ela se dirige a casa do zelador Zelalontro.

Entretanto, quando está chegando à porta, ela pisa em um carrinho de brinquedo, e cai com as costas no chão. Lontréricson, filho de Zelalontro, assiste à cena da janela e chama uma ambulância imediatamente para socorre-la.

Já no hospital, o médico pergunta:

- O que aconteceu Sra.?

- Eu escorreguei – fala a Sra.Lontra, ainda remoendo a raiva pelo zelador.

- Você deve se cuidar mais! É muito perigoso cair desse jeito, você pode bater a cabeça e morrer! – ele diz.

Então o Zelalontro aparece no corredor em uma cadeira de rodas, ele avista a senhora lontra e diz em um tom muito humilde:

- Me desculpe senhora, eu pedi para o meu filho te avisar que eu estava muito doente e que não poderia exercer meu trabalho hoje. Mas parece que ele não avisou. Perdão pelo acidente também, já mandei o Lontréricson guardar seus carrinhos depois de brincar.

Ela então assentiu e continuou remoendo a raiva por dentro enquanto o médico dizia que o Zelalontro entraria de alta amanhã junto com a Sra.Lontrosa.

Ela então passou uma noite inteira em claro, pensando em um jeito de dar o troco. Até que enfim pensou em algo que ensinaria uma lição aquele zelador preguiçoso.

...

No dia seguinte os dois saíram do hospital juntos, era uma quarta-feira de manhã, mas Dona Lontrosa não foi trabalhar, mas providenciou as ferramentas necessárias para a conclusão do seu plano. Para lontras, a vingança é algo que se come assim que possível.

...

Quinta-feira, o dia estava ensolarado. Ela então dá um “oi” para o seu zelador e então pergunta carinhosamente:

- Só por curiosidade que horas o seu filho volta da escola? – pergunta ela com muita naturalidade.
- Bom, ele costuma voltar ao meio dia, mas já é 2h da tarde e ele ainda não chegou...
- Ah! Não se preocupe! Você sabe como são essas crianças de hoje em dia! Venha para dentro e vamos tomar um cafezinho. – ela diz isso já empurrando o homem para dentro de casa.

Chegando na cozinha o homem se senta na cadeira e relaxa um pouco.

- O seu café é com leite e açúcar? – pergunta a dona com um sorrisinho na cara.
- É sim senhora. Muito obrigado! – recebendo o café em uma xícara grande.

Os dois bebem todo o café. E o zelador vai ficando cada vez mais cansado e sonolento, até que ele desmaia.

...

- Aonde eu estou? – fala o Zelalontro ainda bem atordoado.
- Que bom! Você acordou não estávamos mais aguentando ver você dormir. – diz a senhora Lontrosa.
- Por que eu estou amarrado? – ele pergunta com um ar de desespero.
- Você não sabe? Já vai saber... – diz ela.

Quando Zelalontro pisca com força, ele consegue ver Lontréricson amarrado e amordaçado.

- O que você está fazendo com Lontréricson?! – Ele grita com desespero.

Liga um liquidificador na tomada:

- Foi você que pediu por isso senhor zelador. – mostrando fotos de como o lixo não havia sido tirado e que havia bosta de cachorro na frente de sua porta – Agora você vai aprender uma lição.

Ela, com a ajuda de um gancho levanta a criança, que fica se debatendo. Ela retira a fita bem devagar da boca de Lontréricson. Ele então grita:

- Papai! Me salva!

Mas já era tarde para se arrepender, a Sra. Lontrosa aperta o botão do eletrodoméstico e joga o filho do zelador lá, fazendo uma espécie de milk-shake vermelho. O zelador grita de desespero.

- Para de gritar! Têm mais. Você não ia aprender uma lição só com isso.

Pega uma garrafa cheia de chorume (que havia coletado no dia que tinha saído do hospital) e outra com as fezes do cachorro e adiciona ao liquidificador. Bate por mais algum tempo e diz:

- Prontinho!! Pode beber.

Ela então bate com uma chave inglesa na boca do zelador até que ele não consiga mais fechar sua boca. Então derrama o combinado (filho, chorume, fezes) na boca do Zelalontro até ele quase se afogar na mistura.

Depois de ter bebido tudo ela pergunta com uma voz amável e compreensiva:

- E aí? Aprendeu a lição?

Ele assente. E depois daquele dia ele nunca mais faltou ao seu trabalho.